

Prevenção ao uso de drogas em eventos de Educação em Ciências

Prevention of drug use at Science Education events

Beatriz Biagini

Universidade Federal de Santa Catarina
beatrizbiagini@gmail.com

Fábio Peres Gonçalves

Universidade Federal de Santa Catarina
fabio.pg@ufsc.br

Resumo

Analisamos as perspectivas sobre prevenção ao uso de drogas presentes em textos publicados em 3 eventos nacionais de Educação em Ciências. Reconhecemos a busca pela superação de abordagens que privilegiem repressão e o medo (embora essas ainda se façam presentes), bem como propostas que envolveram profissionais e conhecimentos de diferentes áreas, com valorização da participação da família. Ressaltamos a relevância de maior atenção para as razões pelas quais o uso de drogas é algo a ser prevenido e da discussão de outras questões que atravessam o assunto, como aquelas relacionadas à sua produção, comércio e repressão.

Palavras chave: drogas, prevenção, análise de publicações

Abstract

We analyzed perspectives on drug use prevention in publications of 3 Brazilian events in Science Education. We recognize the search for overcoming approaches that favor repression and fear (although these are still present), as well as proposals that involved professionals and knowledge from different areas, valuing family participation. We emphasize the importance of greater attention to the reasons why drug use is something to be prevented and to discuss other issues that cross the subject, such as those related to its production, trade and repression.

Key words: drugs, prevention, analysis of publications

Introdução

Discussões sobre drogas estão presentes nas escolas há algumas décadas, tradicionalmente direcionadas à prevenção do uso e embasadas em conhecimentos químicos e biológicos – ação no organismo e riscos à saúde física (ACSELRAD, 2005, RIBEIRO, 2010). Apesar disso, há indicativos de poucas publicações sobre o assunto em periódicos de Educação em Ciências. Dois exemplos são os trabalhos de Sá, Cedran e Piai (2012) e de Gonzalez e Silva (2012), os únicos encontrados em um levantamento bibliográfico realizado em periódicos

brasileiros expressivos para esse campo de pesquisa¹.

A carência de publicações sobre drogas nos periódicos nacionais e a relevância da construção de referenciais para a abordagem do assunto nas escolas, motivou a busca pelas discussões desenvolvidas em eventos de Educação em Ciências. Em um estudo maior do que o aqui apresentado, investigamos posicionamentos teóricos e propostas contidas em textos publicados em eventos da área. Entre os resultados reconhecemos que o principal objetivo dos autores ao defenderem que o assunto drogas seja abordado nas escolas foi a busca pela prevenção do seu consumo entre os estudantes. Centraremos nossa atenção a esses resultados. Nosso objetivo neste trabalho é analisar as perspectivas relativas à prevenção do uso de drogas presentes em artigos publicados no Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), no Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBIO) e no Encontro Nacional de Ensino e Química (ENEQ).

Metodologia

Foi realizado um levantamento bibliográfico de trabalhos completos publicados nos maiores eventos nacionais de Educação em Ciências/Biologia/Física e Química que disponibilizam atas ou anais eletrônicos de acesso público (usando “drogas” como palavra-chave de pesquisa). Selecionou-se um evento de cada área: ENPEC, ENEBIO, ENEQ e Simpósio Nacional de Ensino de Física (SNEF). O ENEBIO e o ENEQ não possuíam disponíveis *online* e com viabilidade de busca por palavra-chave as atas ou anais de todas as suas edições nos últimos 20 anos (período definido para a cobertura máxima da pesquisa). A seguir, uma síntese do levantamento:

Evento	Cobertura do levantamento	Quantidade de trabalhos
ENPEC	I ao XI – 1997 a 2017	12
ENEBIO	III ao VI – 2012 a 2016	3
ENEQ	XIV ao XVIII – 2008 a 2016	6
SNEF	XIV ao XXII – 1997 a 2017	0

Figura 1 – Quadro síntese do levantamento bibliográfico

No SNEF não foi encontrado nenhum trabalho, por isso análise limitou-se a materiais dos outros eventos. Os 21 artigos encontrados foram analisados de acordo com os encaminhamentos metodológicos da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2013). Em um primeiro momento os artigos foram lidos integralmente e destacados os fragmentos (unidades de significado) que manifestassem aspectos relacionados ao objetivo da pesquisa. As unidades foram organizadas de acordo com suas similaridades, constituindo as categorias analíticas emergentes. Em um terceiro movimento, construímos os textos analíticos com a comunicação das compreensões a que chegamos na análise.

¹Consultamos os periódicos Investigações em Ensino de Ciências, Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, Ciência & Educação, Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências e Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. O resultado do levantamento bibliográfico é relativo ao período que corresponde desde o primeiro número das revistas até os números publicados no primeiro semestre de 2018.

Perspectivas de prevenção ao uso de drogas

A prevenção ao uso de drogas existe como objetivo educacional nas escolas de ensino básico há pelo menos cinco décadas (RIBEIRO, 2010) e permanece ocupando lugar de destaque em trabalhos publicados em eventos de educação científica. Ao defender que a escola se dedique a tal tarefa, as justificativas dos autores fundamentam-se principalmente na ocorrência de consumo entre o público escolar:

A produção científica sobre adolescência, drogas e escola tem constatado que o uso de álcool e outras drogas é um dos problemas que está presente na vida dos jovens, indicando a necessidade do desenvolvimento de ações de intervenção preventivas claras, abrangentes e adequadas aos contextos socioculturais que aumentem os fatores protetores, inibidores ou impedidores do uso de drogas pelos jovens. (SILVA, 2013, p. 2).²

A existência e a elevação do consumo entre os jovens são tomadas como coisas necessariamente maléficas e que demandam intervenção da escola. Mas são pontuais as explicitações das razões pelas quais o consumo de drogas é algo a ser combatido. Quando existem, são mencionadas brevemente. Considerando que existe uma enormidade de possibilidades de relações, nem sempre deletérias, construídas com as drogas (ACSELRAD, 2005), a sua compreensão como problema mereceria aprofundamento. Diante dessa pluralidade, seria mais adequado falar em “usos” de drogas, não simplesmente em “uso”.

Há o reconhecimento de que a repressão se mostra como estratégia ineficiente de prevenção:

Cárceres lotados de usuários, dependentes e pequenos comerciantes de drogas ao mesmo tempo em que os grandes traficantes continuam atuando fora ou dentro dos presídios; corrupção policial; explosão da violência nas grandes cidades e o próprio aumento no consumo de drogas, atestam as limitações da ação repressiva e apontam para necessidade de novas metodologias que enfatizem o processo de prevenção. (ARAÚJO et al., 2003, p. 2).

São citadas implicações de determinado modo de se prevenir o consumo de drogas, denuncia da ineficiência do modelo repressivo e argumento em favor de abordagens educativas. Mas são problemas urgentes que em si mesmos merecem atenção como objeto de discussão nas escolas. A própria ideia de controle das drogas poderia ser problematizada: ele não se dirige igualmente a todas as comunidades, tampouco aos indivíduos de diferentes identificações raciais (RIBEIRO, 2010; RODRIGUES, 2013).

Ao discutirem suas compreensões sobre modelos de prevenção, chama atenção a crítica àqueles centrados na prescrição de comportamentos. Há o esforço de afastamento desses modelos e a valorização da autonomia e capacidade de decisão discente. Por exemplo:

Além disso, destaca-se a necessidade de a escola educar para a liberdade, ou seja, de fornecer subsídios aos alunos para que eles discutam seus anseios e curiosidades acerca da temática, sem contudo, reduzir o assunto à prescrição de como evitar, mas fazer compreender para que o aluno faça uma escolha pela recusa ao consumo de drogas de uma forma mais livre e consciente. (SILVA; NEVES, 2014, p. 478).

Os autores aproximam-se de perspectivas sobre a prevenção ao consumo de drogas e sobre a educação em saúde que valorizam a autonomia dos indivíduos para decidir sobre os comportamentos que afetarão a sua saúde (ADADE; MONTEIRO, 2014; ASCELRAD, 2005; MOHR, 2009), mas a única decisão considerada viável é não usar drogas.

² Todas as citações diretas desta seção são fragmentos dos textos analisados na pesquisa.

Liberdade, autonomia, decisão e consciência são ideias caras aos discursos educacionais. Por outro lado, a necessidade de combate às drogas é uma aspiração bastante sedimentada no imaginário coletivo. Isso pode ter influenciado os autores a julgarem não ser necessário discutir o que entendem como problemático no consumo de drogas. Buscaram, a seu modo, conciliar as expectativas de tornar a escola espaço de liberdade e espaço de promoção de comportamentos avaliados como saudáveis. Ao analisar essa questão na década de 1970, Ribeiro (2010) salientou que as drogas eram entendidas como um mal capaz de tirar dos indivíduos a sua liberdade. A escola formaria cidadãos conscientes desse mal e que, por sua própria vontade, dele se distanciariam. Não há outro comportamento aceitável senão manter-se longe das drogas, sob o risco de perder a própria liberdade. Os autores dos textos analisados neste trabalho, de modo geral, não evocam esse mal do mesmo modo amedrontador que no passado. Mas apostam que o conhecimento sobre os riscos, cientificamente fundamentado e associado a outras medidas de proteção, fará com que os estudantes tomem a decisão de não usar drogas.

Os trabalhos trazem diversas contribuições sobre como a prevenção pode ser promovida pela escola e pela educação científica. Os autores defendem múltiplas abordagens para além da conceitual, mas destacam a apropriação de conhecimentos sistematizados, oriundos tanto das ciências da natureza quanto das humanas, como instrumento privilegiado para a prevenção:

Os alunos não demonstraram conhecimento detalhado acerca dos riscos toxicológicos envolvidos no uso dessas e de outras drogas, limitando-se a um saber superficial de que drogas são nocivas à saúde. Tal desconhecimento é um indicador da necessidade desses jovens entenderem como agem as substâncias psicotrópicas no organismo humano, sejam elas consumidas de forma isolada ou combinada. É preciso, portanto, promover, através da educação formal, a aquisição do conhecimento científico, para que os sujeitos possam reelaborar seu conhecimento cotidiano e assim exercerem melhor a sua cidadania. (GONZALEZ; SILVA, 2009, p. 6-7).

A partir dos resultados de seu estudo sobre conhecimentos discentes, os autores defendem o papel da escola na ampliação desses conhecimentos para fundamentação das decisões dos estudantes em relação ao consumo de drogas. O conhecimento conceitual na educação sobre drogas, em detrimento do amedrontamento, é evocado há algumas décadas e permanece uma lacuna na atualidade (CARLINI-COTRIM; ROSEMBERG, 1991). A socialização do que vem sendo elaborado em conhecimento sobre as drogas nas pesquisas científicas pode contribuir para superar muitos dos preconceitos relacionados às drogas e a quem as consome.

O assunto é tratado com conhecimentos de diversas áreas, com a constante ênfase na interdisciplinaridade:

Este trabalho foi orientado por professores das diferentes disciplinas que constituem o currículo escolar de modo a contemplar conceitos específicos sob o olhar de cada área do conhecimento. Por exemplo: a Biologia focalizou estudos sobre anatomia e fisiologia dos sistemas afetados pelas drogas; a Química sobre constituição química das drogas, suas propriedades, as reações de identificação da presença de álcool no sangue por meio de bafômetro e suas concentrações relacionadas ao efeito; a Física busca entendimentos sobre potencial elétrico, polarização/despolarização, que são conceitos necessários para compreender sinapse elétrica; a História, focalizou o estudo das rotas do tráfico de drogas, questões políticas. (BOFF et al, 2009, p. 11).

Diversos autores relataram experiências desenvolvidas em escolas. Entendem que o uso de drogas e seus problemas não podem ser entendidos apenas com os conhecimentos de uma

disciplina, exigindo colaboração entre profissionais e conhecimentos variados. Além disso, houve atividades que envolveram as famílias, como ouvintes de palestras de profissionais de instituições externas à escola ou como expectadores de trabalhos desenvolvidos pelos próprios alunos. A escola insere-se em um projeto maior de prevenção, em articulação com outras instâncias da sociedade.

Como já ressaltamos, embora se reconheça que a decisão em usar ou não é do estudante, a decisão privilegiada é a abstinência. Não são discutidas possibilidades de usos sem danos e motivações que fazem com que algumas pessoas usem drogas apesar da existência de riscos ser amplamente divulgada. O prazer é mencionado apenas como ilusão e ameaça:

Através da personagem Nathalie [personagem de filme analisado no artigo], a história contada mostra como é ilusório o prazer sentido através das drogas. É essa necessidade de retornar à sensação de “cavalgar o dragão” que faz com que os viciados precisem aumentar a dosagem da droga. (SANTOS; SANTOS, 2005, p.9).

O fragmento acima se aproxima, de certo modo, de uma abordagem amedrontadora. Ou, nas palavras de Carlini-Cotrim e Rosemberg (1994), de uma pedagogia do terror. Mais contundente é o apelo ao medo presente nos fragmentos a seguir:

O desinteresse em experimentar drogas, provavelmente, relaciona-se ao medo da dependência. Muitos jovens não sentem o mínimo interesse em usar drogas, por conhecer os prejuízos que as drogas causam. O instinto de autopreservação da vida funciona em algumas pessoas, fazendo que elas não tenham curiosidade em experimentar drogas, por entenderem que não vão acrescentar nada, ao contrário, vão destruir a si mesmas. (BORGES; FLORES, 2005, p.6-7).

Essas autoras associam incondicionalmente drogas a destruição pessoal e experimentação de drogas como falha em um pressuposto instinto de autopreservação. Elas investigaram conhecimentos e motivações de estudantes para não usarem drogas. Os seus resultados evidenciam e exaltam compreensões amplamente sedimentadas, tais como a valorização do medo, da fé religiosa, de valores morais, de coragem, de responsabilidade pela própria vida como fatores que protegem os jovens do envolvimento com drogas. Se podem trazer contribuições à prevenção em alguns casos, esses entendimentos também constituem preconceitos. A identificação do uso de drogas com fraqueza moral colaborou e colabora para a justificação da criminalização e da guerra a algumas drogas. Um dos desafios para um debate que almeje prevenir e reduzir consequências problemáticas é justamente a superação de preconceitos e do medo, pois esses recursos têm se mostrado falhos para a aspiração utópica de se alcançar uma sociedade sem drogas (ADADE; MONTEIRO, 2014) – como atestam as justificativas dos trabalhos de parte dos autores ao citarem estatísticas que indicam a elevação do consumo entre os jovens.

De modo geral, os autores buscaram superar a tática do amedrontamento e valorizaram a autonomia discente e o conhecimento como ferramentas privilegiadas para a tomada de decisões. As compreensões mais problemáticas estavam em trabalhos publicados há mais de uma década, não aparecendo nos trabalhos recentes. Entretanto, tendo em vista que o *corpus* desta pesquisa representa uma amostra bastante significativa da produção sobre drogas na área de Educação em Ciências (dada a escassez de trabalhos), o intervalo de uma década não implica, necessariamente, a superação daquelas compreensões.

Considerações

Indicamos a relevância de maior discussão na comunidade de educadores em Ciências sobre o que se entende por prevenção e de aproximação com referenciais teóricos de áreas que têm se dedicado a esse tema, com uma articulação entre as perspectivas de prevenção desenvolvidas no âmbito das Ciências da Saúde e dos seus desdobramentos pedagógicos no campo da Educação.

Além disso, defendemos a discussão de outras questões que as drogas suscitam, para além daquelas mais estritamente relacionadas à saúde. Não nos posicionamos contrários às iniciativas de prevenção, nem deixamos de reconhecer que o uso de drogas pode repercutir em problemas severos. Mas entendemos ser interessante dedicar um olhar ainda mais abrangente sobre o objeto “drogas” e também questionar as razões pelas quais a nossa atenção está há tanto tempo reduzida à mesma dimensão.

Referências

ACSELRAD, G. A educação para a autonomia: construindo um discurso democrático sobre as drogas. In: ACSELRAD, G. **Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, p. 183-212.

ADADE, M.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 215-230, jan./mar. 2014.

ARAUJO, C. C. et al. Conhecimento de um grupo de professores de Ensino Fundamental e Médio sobre drogas psicotrópicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, IV, 2003, Bauru. **Atas...** Bauru, 2003.

BOFF, E. T. O. et al. Drogas: uma proposta de organização curricular que articula formação docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, VII, 2009, Florianópolis. **Atas...** Florianópolis, 2009.

CARLINI-COTRIM, B.; ROSEMBERG, F. Os livros didáticos e o ensino para a saúde: o caso das drogas psicotrópicas. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 299-305. 1991.

FLORES, H. H.; BORGES, R. M. R. Investigando motivos que levam jovens a recusar drogas: subsídios para prevenir a drogatização na escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, V, 2005, Bauru. **Atas...** Bauru, 2005.

GONZALEZ, I. M. SILVA, J. L. Experiência de ensino do tema drogas no ensino da química orgânica no Ensino Médio. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, VII, 2009, Florianópolis. **Atas...** Florianópolis, 2009.

GONZALEZ, I. M.; SILVA, J. L. P. B. Conceitos e valores na tomada de decisão de estudantes sobre o uso de substâncias psicoativas. **Alexandria**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 177-203, mai. 2012.

MOHR, A. A Educação em Saúde na escola: panorama e questionamentos a partir de depoimentos de professores de ciências de Florianópolis. In: SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S.; BARZANO, M. A. L.; SILVA, E. P. Q. (orgs.). **Ensino de Biologia: histórias, saberes e práticas formativas**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2013.

RIBEIRO, T. M. **Do você não pode” ao “você não quer”**: a emergência da prevenção às drogas na educação. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

RODRIGUES, T. Narcotráfico e Militarização nas Américas: Vício de Guerra. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 9-41, jan./jun. 2012.

SÁ, M. B. Z.; CEDRAN, J. C.; PIAI, D. Modelo de integração em sala de aula: drogas como mote da interdisciplinaridade. **Ciência& educação**, Bauru, v. 18, n. 3, p. 613-621. 2012.

SANTOS, N. N.; SANTOS, J. M. O Ensino de Ciências através do cinema. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, V, 2005, Bauru. **Atas...** Bauru, 2005.

SILVA, A. P. NEVES, M. R. L. C. A formação de professores de biologia no campo do estágio supervisionado: uma análise de atividade investigativa sobre drogas no Ensino Médio. **Revista da SBEnBio**, n. 7, p. 468-480, out. 2014.

SILVA, R. F. T. Abordagens do consumo de álcool e outras drogas em uma instituição educacional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, IX, 2013, Águas de Lindóia. **Atas...** Águas de Lindóia, 2013.